



Gabriela Silva

# Todos ao Fringe!

Este é um tempo bonito de esperança e de renovação.

O mês de Maio é o mês do Espírito Santo e das aparições de Fatima, mas é também o mês das rosas e das temperaturas amenas que nos ajudam a esquecer as invernias que nos visitaram muitas vezes nos últimos meses.

No Pico, para além de todas as efemérides da época, temos o Fringe.

O Fringe é o maior festival de artes e letras dos Açores porque acontece em todas as ilhas e tem como diretor artístico um homem que faz a diferença por onde passa.

Terry Costa é o organizador e responsável por dezenas de eventos que preenchem um espaço artístico e cultural muito difícil de comparar com outros, uma vez que mantém todo o ano alguma atividade sem escolher a ilha ou os destinatários. Todos são bem vindos ao Fringe.

Pedras Negras é o encontro anual de escritores que reuniu, mais uma vez este ano, um leque interessantíssimo de escritores e outros artistas. A cabeça de cartaz foi Valter Hugo Mãe, um escritor incrível que se despiu de fantasias e se sentou conosco à mesma mesa de forma despreziosa e assim nos falou de si, da sua obra, da sua vida, da sua relação com os livros e a escrita.

Homenageado no primeiro dia, o professor Eduíno de Jesus, um jovem com mais de noventa anos que todos quisemos abraçar. Que alegria ter na nossa companhia um poeta da sua envergadura!

O Pico recebeu e acolheu o Fringe de forma entusiástica. Alguns dos mais antigos lembram o tempo em que éramos poucos e olhados com alguma desconfiança. Que honra fazer parte dos pioneiros e ter a certeza de que valeu a pena acreditar.

Na Mirateca Artes, galeria Costa continua a sentir-se a magia da arte e a perseverança do Terry. Sentados no chão, ouvimos a Diana Zymbron falar de mulheres. Sem medo e sem complexos de culpa. Rodeada de mulheres livres e felizes. Que bom!

No auditório exterior vimos os jogos dos pintores a pintar em direto enquanto liamos poesia. Os nossos amigos Martin Cymbron, Raquel Alvernaz, Peter Adriens e Daniel Soares deixaram na tela memórias poéticas em forma de arte.

A Maria João Albuquerque dançou, encheu o palco para a evocação ao grande Dias de Melo

A feira das artes da ilha esteve patente no auditório com trabalhos lindos dos artistas locais.

O Vítor Teves criou um momento de provocação poética extremamente forte. Grata pela tua ousadia.

Henrique Levy apresentou -nos uma nova editora de poesia nos Açores.

De Lisboa veio a Marta que nos explicou o que é um agente literário e nos falou da sua já vasta experiência com autores diversos.

Do jornal de notícias, a Maria João. Atenta, experiente e encantada colocará o

pico nas bocas do mundo quando começar a escrever sobre este evento.

Pedro Paulo Câmara voltou com a sua Violante de Cisneiros. Poeta de excelência está hoje a trilhar outros caminhos na investigação literária. Ainda assim, nalguns momentos, surgiram poemas na voz deste excepcional escritor.

Cães do Mar é nome de grupo de teatro da terceira. O Ricardo Ávila o Helder Xavier e o João Félix apresentaram-nos com a Balada de Portuguese Joe com direção artística de Ana Brum, texto de Peter Cann, música de João Félix e desenho de Sílvia Fagundes.

Sara Lisanti apresentou Muta-Morfosi, uma performance silenciosa, nua e crua que analisa a metamorfose de um indivíduo, encerrado num santuário do próprio sofrimento, narrada através do processo de mudança de um réptil. Um momento difícil de definir mas muito intenso a nível do sentir.

“Teatro não é literatura”, situação, comédia e conflito foi o mote para um workshop prático para explorar técnicas de criação de personagens e diálogos em palco. Dirigido por Peter Cann, dramaturgo inglês com extensão biografia, o desafio colocado à nossa imaginação foi claramente hilariante.

A Mirateca Artes Galeria Costa é o lugar onde repousamos e integramos os nossos eventos.

Ao final do dia, o Cella Bar recebeu -nos para o último momento. Malvina Sousa, Pedro Almeida Maia, Sandra Fernandes e outros, apresentaram a sua obra ou, como Maria João Ruivo, disseram de sua justiça agradecendo e manifestando apreço por todo o evento.

Terry Costa faz o Fringe com base no que de melhor se faz na Europa e no mundo. Não se fica pela ilha á espera de inspiração. Corre o mundo e deixa-me levar por tudo o que vê fazer em destinos de referência sem perder a humildade, a simpatia e o infinito amor pelo Pico, pelas artes e pela cultura.

Os Açores precisam aderir a este tipo de eventos. Sem estarmos amarrados a nada. Sem complexos de superioridade, sem a filosofia de solidão que parece estar nalguns gabinetes de decisão. Há necessidade urgente de convidar os nossos políticos a sentarem -se em roda no chão, com todos, a fazer um urgente brain storming acerca do que nos falta para sermos uma região de referência na cultura e nas artes.

O Fringe não foi um fim de semana apenas. Como nas sábias palavras de Ary dos Santos...

foram noites e noites que numa só noite nos aconteceram

Era o dia da noite de todas as noites

Que nos precederam

Para o ano há mais!



Eduardo Bettencourt Pinto

# Helena Crystello

A verdadeira humildade é o auto-respeito inteligente que nos impede de pensar muito alto ou muito mal de nós mesmos. Torna-nos modestos, lembrando-nos o quanto estamos aquém do que podemos ser.

- Ralph W. Sockman

A humildade é uma característica da nobreza sem alarde. Quem a demonstra não impõe credenciais e exhibe afetações. Não é uma energia axial que gira em redor de si mesma como o instinto primário e egotista dos autocentrados. Vinga pela sua natureza e equanimidade. Está no palco mas afasta-se do holofote porque vive na sombra da sua própria grandeza.

Helena Crystello era assim - como se fosse um reflexo de luz atravessando o vidro de uma janela, uma imagem sem artifícios do outro lado do silêncio.

Nasceu em Lisboa mas adotou os Açores como o seu pedaço de mundo, a sua montanha, o ninho. Naufragou na costa e ali foi, com Chrys Crystello, o companheiro, plantando raízes de palavras na água do mar. Daquele espaço na Lomba da Maia, vulnerável à chuva e à melancolia das névoas, fizeram sair livros e o Colóquio

da Lusofonia. Criaram uma ponte no vento que os tem levado a outras geografias.

Helena sorria. É do seu sorriso que vou falar. Os livros que deixou não carecem da minha atenção, têm voz própria, conversam conosco quando pegamos neles, são o testemunho do seu empenho, do seu magnífico trabalho, e atestam, de modo invulgar, do seu afeto pelos Açores.

O que me comovia no sorriso da Helena era aquela voz pueril dos sinais sem mácula, a sua espontânea claridade, diria até maternal. O calor de um lugar, uma casa. Um banco de jardim num recanto da primavera.

Nos espaços da literatura encontramos por vezes âncoras, seres que estão conosco num diálogo com a nossa humanidade, centrados numa posição de partilha. Sólidas, permanentes, credíveis na sua estrutura ética. Não se perdem em artifícios sociais, bajulação para entreter egos carentes. Helena Crystello fazia parte de uma tribo especial nesse microcosmo literário. Atravessava muros com o sorriso amigo, leal e humilde.

Se interpretarmos a ausência como uma letargia de chuvas entre o céu e a terra da nossa finitude, e o que de nós eventualmente fica para além dos livros, que maior relevância na memória que a bondade de um sorriso, um sorriso como o da Helena, em contínua floração entre as inalteráveis estações do tempo.